

ME CONTA UNIVERSIDADE LIVRE DO MÉDIO RIO DAS CONTAS: CULTURA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL.

Avanço de investigação em curso

GT07: Desenvolvimento Territorial e Local: desigualdades e descentralização

Ponecista: *Luciano Simões de Souza*¹

Neste artigo, compartilho algumas análises da pesquisa “*ME CONTA Universidade Livre do Médio Rio das Contas: cultura, participação e desenvolvimento local*”, estudo de caso sobre uma experiência de articulação de atores sociais locais voltada para construção de um projeto comum de desenvolvimento sustentável.

Início problematizando sobre a dimensão cultural que contribuiu para a formação histórica do capitalismo global moderno, etnocêntrico, desigual e excludente. Em seguida, reflito sobre propostas de desenvolvimento que apontam para práticas locais como um caminho de desenvolvimento social inclusivo. Concluo, refletindo como duas práticas culturais do ME CONTA vem contribuindo para o fortalecimento de uma identidade territorial como estratégia de luta por direitos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Palavras chave: identidade, diversidade cultural latino-americana, desenvolvimento local.

ME CONTA UNIVERSIDADE LIVRE DO MÉDIO RIO DAS CONTAS: CULTURA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL.

A globalização dos séculos XX e XXI é a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo moderno e eurocentrado como um padrão de poder mundial, sustentado por dois eixos: um de base material e outro de caráter cultural (QUIJANO, 2005).

O eixo de base material corresponde à articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. A Europa fez-se possível, em primeiro lugar, com o trabalho gratuito dos índios, dos negros e dos mestiços da América, e com seus respectivos produtos direcionados a atender as demandas da Europa.

O eixo cultural da globalização corresponde à codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, que estabelecia uma suposta distinção da estrutura biológica que situava os diversos povos da América e da África, bem como suas descobertas mentais e culturais, em situação natural de inferioridade em relação aos europeus. O eurocentrismo representa a racionalidade, a dimensão simbólica que construiu e justificou a concentração de poder e de recursos na sociedade globalizada.

Com a América, se forjou as identidades sociais índios, negros e mestiços, e os termos espanhol, português e europeu adquiriram conotação racial. À identidade cultural e étnica foram associadas hierarquias, lugares e papéis e configurado um novo padrão de dominação. A distribuição racista do trabalho no interior do capitalismo colonial/moderno resultou num longo processo de concentração de renda e poder. Todo esse processo implicou no longo prazo numa colonização cultural

¹ Doutorando do Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade do IHAC – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia - UFBA. E-mail: lucianosimoes032010@hotmail.com

direcionando os modos de produzir sentido à experiência material e intersubjetiva, o imaginário, o universo de relações intersubjetivas do mundo. (Quijano, 2005)

Mesmo com o rompimento da relação oficial entre as colônias latinoamericanas e africanas e os impérios europeus, ocorrido entre os séculos XIX e XX, do ponto de vista cultural a colonialidade se perpetuou e se atualizou na segunda metade do século XX e no XXI, agregando, além da Europa, os Estados Unidos como novo centro de poder. Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a Europa formularam um modelo de desenvolvimento no qual o capital, a ciência, a tecnologia e a urbanização eram os componentes da revolução massiva, associado à adoção generalizada da educação e dos valores culturais modernos. (Escobar, 2007, p.55)

O modelo de desenvolvimento do século XX, liderado pela Europa Ocidental e Estados Unidos e amplamente difundido por todo o mundo, não foi concebido como um processo cultural, mas sim, como um sistema de intervenções técnicas aplicáveis de forma universal.

O conceito de desenvolvimento foi uma representação, uma “invenção” historicamente construída, através do qual se exaltava os valores modernos ao mesmo tempo em que criavam categorias interpretativas sobre os países latinoamericanos que os classificavam como subdesenvolvidos, Terceiro Mundistas (Escobar, 2007, p.78). Imagens universalizadas, homogeneizadas e ahistóricas das culturas do Terceiro Mundo representada como traços de impotência, passividades, pobreza e ignorância mantinha a premissa que estes países eram diferentes e inferiores, e suas populações como possuidoras de uma humanidade limitada em relação ao europeu culto.

(...) la división internacional del trabajo entre centros y periferias, así como la jerarquización étnico-racial de las poblaciones, formada durante varios siglos de expansión colonial europea, no se transformó significativamente con el fin del colonialismo y la formación de los Estados-nación en la periferia. Asistimos, más bien, a una transición del colonialismo moderno a la colonialidad global, proceso que ciertamente ha transformado las formas de dominación desplegadas por la modernidad, pero no la estructura de las relaciones centro-periferia a escala mundial.

(Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007:13)

Atualmente, há propostas que superam a perspectiva que vincula o desenvolvimento à noção exclusiva de crescimento econômico, combatendo também a perspectiva de soluções universais. Arturo Escobar (2007) traz o horizonte do pósdesenvolvimento, uma alternativa às práticas históricas do desenvolvimento em que ganha importância os movimentos sociais de base, o conhecimento local e o poder popular na transformação da sociedade. Algumas dessas iniciativas representam mais do que uma alternativa **de** desenvolvimento, mas, uma alternativa **ao** desenvolvimento, ou seja, uma confrontação completa ao paradigma de desenvolvimento.

Ao dar excessiva ênfase a processos globais de construção cultural do lugar a serviço do processo abstrato e aparentemente universal da formação do capital e do Estado, quase toda a teoria social convencional contribui para tornar invisíveis formas subalternas de pensar e modalidades locais e regionais de configurar o mundo. Escobar defende que práticas e conhecimentos baseados no lugar ajudam a reconhecer e reconstruir o mundo, revelando diferenças num mundo de espaços profundamente interconectados.

Segundo Escobar, estudos etnográficos dos cenários do Terceiro Mundo vêm descobrindo uma quantidade de práticas significativamente diferentes de relacionar-se, de construir e de experimentar o biológico, o natural, o cultural em relação às formas modernas dominantes. Estas experiências

contribuem para superar dicotomias entre a natureza e a cultura, mente e corpo, teoria e prática, lugar e espaço, global e local, projetando formas alternativas de organizar a vida social.

Para o economista indiano Amartya Sen (2002), desenvolvimento significa um processo de *expansão das liberdades*. Isso implica assumir a liberdade individual como um *compromisso social* e referir o êxito das políticas de desenvolvimento de uma dada sociedade às *liberdades substantivas* — que incluem o direito universal ao acesso à educação, saúde, habitação e saneamento.

Por esta abordagem, promover o desenvolvimento é eliminar as restrições que limitam escolhas e oportunidades pessoais e comunitárias. Favorecer a liberdade de viver, de ir e vir, de trabalhar, de apropriar-se dos frutos do trabalho, de informar-se, de participar, de consumir os bens da cultura, de exigir a preservação do patrimônio ecológico das gerações futuras; enfim, de viver plenamente a condição humana.

Um dos fenômenos emergentes em busca de alternativas é o surgimento de iniciativas de desenvolvimento local, que se propõe a ser não concentrador e que envolve necessariamente a ampliação da esfera pública e dos espaços de participação social. É um processo construído “de baixo pra cima” e de “dentro pra fora”. Corresponde à articulação de pessoas e instituições de um dado território em torno de um projeto comum de desenvolvimento.

Território, identidade territorial e desenvolvimento local.

O território, por sua vez, não se reduz apenas a um recorte ou dimensão física do espaço. Inclui uma dimensão simbólica que se traduz num conjunto específico de relações culturais e afetivas entre um grupo e lugares particulares. É uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo, um elemento constitutivo de sua identidade.

A identidade territorial diz respeito àquelas identidades que são construídas pelo processo de territorialização, aqui entendido como “*as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto, ao mais simbólico*” (Haesbaert, 2004: 338). A identidade territorial é, portanto,

uma identidade social definida fundamentalmente através do território [...], uma identidade em que um dos aspectos básicos para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto mais concreto.

Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central da construção dessa identidade parte ou ultrapassa o território.

(Haesbaert, 1999, p. 178).

A configuração de uma identidade territorial é, portanto, um processo social e simbolicamente construído que pressupõe dois elementos fundamentais: o espaço de referência indenitária e a consciência socioespacial de pertencimento.

O espaço de referência indenitária refere-se ao recorte espaço temporal onde se realiza a experiência social e cultural e no qual são forjadas as práticas materiais (formas de uso, organização e produção do espaço) e as representações espaciais (formas de simbolização, imaginação e conceituação do espaço) que constroem o sentimento e o significado de pertencimento dos grupos em relação a um território.

A consciência socioespacial de pertencimento é o laço de solidariedade e unidade que constituem os sentimentos de pertencimento e de reconhecimento de indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território. A consciência de pertencimento a um lugar, a um território, é construída a partir das práticas e das representações espaciais que envolvem ao mesmo

tempo o domínio funcional-estratégico sobre um determinado espaço (finalidades) e a apropriação simbólico/expressiva do espaço (afinidades/afetividades).

A identidade territorial pode contribuir com o desenvolvimento e com a implantação de processos inovadores locais. A inovação territorial tende a ter mais êxito quando é resultado de escolhas compartilhadas por parte da comunidade local que operam sobre o território.

As identidades da (s) América (s) Latina (s)... revelar-se, rebelar-se

O período da colonização e as estratégias de modernização dos Séculos XIX e XX foram determinantes para que a história da América Latina tenha sido formada por um longo processo de construção de uma unidade forçada, de demarcações político-administrativas vindas de cima para baixo e de fora, com exclusão permanente de vários setores da população local nas decisões políticas e econômicas.

As administrações moldadas de acordo com as culturais ocidentais do norte do mundo não reconheceram a importância das culturas autóctones no processo de desenvolvimento. A participação dos povos locais em processos decisórios foram sistematicamente ignoradas.

A busca por outras formas de desenvolvimento e novos parâmetros de democracia significa também uma oportunidade de se imaginar outras formas de representar e desenhar as múltiplas realidades da América Latina sem reduzi-las a um padrão único nem a um modelo cultural hegemônico. Há uma diversidade de culturas na América Latina, o que não significa que não se possa encontrar o comum no diverso, aspectos culturais que dê as populações dos países latinoamericanos um sentido de pertencimento, passado e projetos futuro comuns.

A ideia de uma identidade latinoamericana, pressupõe um autoreconhecimento comum a partir de um território compartilhado. Na luta contemporânea pela construção de caminhos próprios de desenvolvimento, local, democrático e inclusivo, é fundamental vivenciar processos capazes de revelar a(s) identidade (s) latino-americana (s) na sua diversidade, seus intercâmbios e seus elementos comuns.

ME CONTA Universidade Livre do Médio Rio das Contas

O ME CONTA Universidade Livre do Médio Rio das Contas é uma experiência que articula os campos da educação, da cultura e do meio ambiente para potencializar o desenvolvimento local. Esta iniciativa foi concebida e é liderada pelo Instituto Cultural Casa Via Magia² e tem como foco 16 municípios que compõe um dos Territórios de Identidade da Bahia³ – o do Médio Rio das Contas.

Os dezesseis municípios do território do Médio Rio das Contas ocupa uma área equivalente a 10.033 km², com um total de 367.991 habitantes e reúne três ambientes distintos: o Semiárido, a Mata de Cipós e a Mata Atlântica. No Território do Médio Rio das Contas, cerca de 62,6% da sua população com ocupação possuem uma renda mensal de até 01 salário mínimo⁴, 31,6% entre 01 e 05 salários mínimos e apenas 5,7% mais de cinco salários mínimos. A região possui 04 Instituições de ensino

² O Instituto Cultural Casa Via Magia é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 1982, cuja missão é “*promover a cooperação cultural e o desenvolvimento comunitário, através do estímulo à educação, cultura e da pesquisa pedagógica sistemática, com vistas a contribuir para o auto-conhecimento e formas de expressão individual, assim como para a integração comunitária.*” (<http://www.viamagia.org/instituto/>).

³ Com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. (www.seplan.ba.gov.br, acessado em 08 de julho de 2012).

⁴ 01 salário mínimo corresponde a cerca de US\$ 300,00 (trezentos dólares)

superior, 12 bibliotecas públicas, 02 teatros (ambos na mesma cidade, em Jequié), 02 Museus (Jequié e Ipiáú) e nenhum cinema⁵.

Além da ínfima quantidade de equipamentos culturais na região, há poucos registros escritos e/ou audiovisuais sobre as manifestações artístico-culturais da região do Médio Rio das Contas. Isso se explica em grande parte pelo fato de que, entre os anos 1994 e 2006, a política pública de cultura da Bahia era responsabilidade da então Secretaria de Cultura e Turismo do Estado. A submissão da cultura à lógica do turismo levou ao estreitamento da concepção de cultura e subsequente ação limitada do Governo do estado neste campo. A cultura era pensada quase que exclusivamente enquanto produção artística e/ou instrumento de atração turística. Os investimentos da Secretaria de Cultura e Turismo concentravam-se maciçamente no litoral, na capital e no Recôncavo e os principais esforços da Secretaria estavam voltados para “vender” uma imagem específica de Bahia para outros estados e países. As atividades, manifestações e expressões culturais que não se encaixavam nesse modelo deixavam de ser considerada pelo Governo do Estado. Isso resultou em grande invisibilidade da diversidade cultural da Bahia, sobretudo nas regiões mais pobres, a despeito de ser um estado com grande visibilidade midiática internacional por conta da indústria turística.

O projeto **ME CONTA – Universidade Livre do Médio Rio das Contas** tem como ponto de partida a realização em parceria com moradores e instituições locais de um levantamento das riquezas socioculturais e ambientais de cada município que, uma vez sistematizada, é compartilhada com a comunidade gerando propostas de ações de desenvolvimento local sustentável.

Como desdobramento, são realizadas ações que podem ser agrupadas nos seguintes eixos: **(a)** criação de equipamentos culturais, **(b)** atividades de formação nas áreas de cultura e desenvolvimento sustentável, **(c)** realização de eventos culturais que privilegiam a cultura popular local e **(d)** promoção de intercâmbios artístico-culturais.

Na pesquisa sobre experiência do ME CONTA, venho refletindo sobre como os produtos e as práticas artístico-culturais e educativas desta iniciativa contribuem para os processos de desenvolvimento local, verificando tanto os impactos locais, quanto as convergências e contribuições à política pública dos Territórios de Identidades do Estado da Bahia.

Dentro deste objetivo mais amplo, uma das questões abordadas é se e como as práticas do ME CONTA são capazes de contribuir para o fortalecimento da identidade territorial, favorecendo o sentimento de pertencimento por parte dos diferentes sujeitos sociais participantes da experiência e a valorização estratégica do território.

A pedagogia do projeto ME CONTA é baseada “na valorização da diversidade cultural, da biodiversidade e da educação – tanto a informal e tradicional quanto a institucionalizada – compartilhando saberes em parceria com grupos tradicionais, organizações locais, regionais e internacionais”⁶. O projeto se desenvolve a partir de três eixos de ação: “escutar”, “entender” e “expandir”.

A etapa do **escutar** compreende o esforço de sistematização do patrimônio material e imaterial da região onde o projeto está atuando, tendo como princípio incluir o olhar da própria comunidade sobre ela mesma e sobre seu contexto ambiental e cultural. Nesta etapa se registra também uma ampla iconografia do local estudado. Estas informações são organizadas e apresentadas à comunidade acompanhadas de sugestões de articulações entre os traços identitários da região e ações em prol do desenvolvimento local.

A etapa do **entender** corresponde ao conjunto de seminários e oficinas, visando à formação de agentes sociais. A pretensão é ser um processo de educação contínua, incluindo a capacitação em escolas, associações e instituições dos municípios da região.

⁵ Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006 e SUDECULT – 2009 (Pontos de Cultura)

⁶ Catálogo do (XII Mercado Cultural “Ciclos; 2012”). <http://www.mercadocultural.org/>

Já **expandir** corresponde à fase de difundir com maior abrangência as ações realizadas, a exemplo da participação dos municípios envolvidos no ME CONTA em quatro edições do Mercado Cultural⁷, entre 2009 e 2012, e da abertura de equipamentos culturais locais como o Teatro do Valentim e o Museu do Processo (Boa Nova/ BA).

Re-descobrimo a Cidade: As Enciclopédias da Cidade e o Museu do Processo

A Enciclopédia da Cidade é uma peça de comunicação, produzida em parceria com as comunidades pesquisadas, através da qual é apresentada uma leitura do patrimônio material e imaterial de cada município. Em geral as Enciclopédias contam com a seguinte estrutura: *a) Características geoecológicas e recursos naturais, elementos da fauna e da flora; b) Histórias de vida da população local, c) Histórias do surgimento do município; d) Práticas sociais coletivas: feira, festas; e) Atividades artísticas; f) Arquitetura, g) Atividades econômicas, h) Atores sociais locais e i) Projetos futuros.*

Em seguida é realizado um evento através do qual a Enciclopédia de cada cidade é apresentada aos representantes do poder público, profissionais liberais, empresários, artistas, educadores e cidadãos de cada cidade. O objetivo é produzir um novo olhar da comunidade local em torno do seu território para, em seguida, fomentar iniciativas voltadas para o desenvolvimento local, com sugestões de ações nas áreas de cultura, educação e ecologia.

As Enciclopédias da Cidade passam a fazer parte do acervo do Museu do Processo, equipamento cultural também surgido a partir da experiência do ME CONTA. Sediado no povoado de Valentim (Boa Nova, Bahia), O Museu do Processo conta com um espaço de exposição, uma biblioteca comunitária, espaços de leitura, e uma área aberta e tem como objetivo “(...) ser um espaço de divulgação e valorização do patrimônio material e imaterial da região do Médio Rio das Contas e do seu entorno, através da sistematização de informações e uso de novas tecnologias, construído com a participação direta da comunidade local, além de compartilhar, trocar e difundir conhecimentos, focando no desenvolvimento sustentável”. O Museu realiza exposições, promove atividades educativas, campanhas ecológicas e mobilização social.

As exposições do Museu do Processo, assim como, as “Enciclopédias da Cidade”, destacam e valorizam diferentes formas de ser, de viver e de saber próprias das comunidades rurais envolvidas na experiência, que não se apresentam apenas como tradicionais, ligadas a uma temporalidade do passado, mas, como conhecimentos que têm uma contemporaneidade capaz de ler criticamente o mundo, compreender, (re) aprender e atuar no presente.

A Caravana Cultural: protagonismo local e identidade.

Dentro do ciclo *Expandir* do ME CONTA, ocorreu em 2009, como parte da programação do IX MERCADO CULTURAL, Caravana do Cultural no Médio Rio das Contas. A CARAVANA foi uma vivência através da qual grupos de artistas, produtores e pesquisadores nacionais e internacionais

⁷ O Mercado Cultural é um projeto do Instituto Cultural Casa Via Magia, desenvolvido desde 1999, que tem como objetivo principal “*fortalecer o intercâmbio cultural e a comunicação entre os agentes culturais dos diversos continentes, especialmente entre a América Latina e a África.*”

De 1999 a 2012 foram realizadas doze edições do Mercado Cultural, através das quais foram promovidos shows musicais, espetáculos teatrais, feiras de artes, mostras artísticas, palestras, oficinas, seminários e workshops com temas da área cultural com artistas que não são destaques da indústria cultural e destes com produtores culturais.

visitaram juntos os municípios de Jequié, Ibirataia, Ipiaú, Dário Meira e Boa Nova (Bahia) Um dos momentos desta Caravana foi à participação dos artistas no Samba de Dona Dete⁸.

Hildete Souza Pereira, D.Dete ou Mãe Dete é a líder espiritual do Terreiro do distrito de Planalto Íris, área rural do município de Dário Meira. Toda sua família participa das atividades do Terreiro. Das práticas espirituais deste agrupamento familiar surgiu o samba que leva o nome da líder do terreiro. A influência do candomblé é marcante nos toques dos atabaques, nos cantos e nas danças.

Além da família anfitriã e dos organizadores da Caravana, estiveram presentes neste encontro cerca de 70 pessoas entre os integrantes do grupo percussivo Sonagi Project (Coréia), Mariana Baraj (Argentina), o grupo Bongar (Pernambuco, Brasil), o diretor da Casa da Música do Abaeté, Amadeu Alves, atores e produtores das peças de teatro “Um Caso de Língua” e “Romeu e Julieta e Caetano” (Bahia, Brasil).

O samba aconteceu no Terreiro de Candomblé e no seu entorno. Em frente ao Terreiro, a casa onde mora a família de Dona Dete. No entorno, uma plantação e um criatório de peixes para subsistência da família e comercialização em pequena escala. O encontro envolveu a conversa entre anfitriões e visitantes, o jantar com comidas religiosas e, principalmente, muitas cantorias e danças⁹. O grupo Bongar abriu a parte musical da noite, convidando todos para dançar na parte externa do terreiro ao som do coco, da ciranda, do maracatu¹⁰. O samba no espaço interno do Terreiro ficou por conta da família de Dona Dete, cumprindo-se alguns rituais de entrada naquele espaço em que os visitantes foram orientados pelos anfitriões. O samba e danças em círculo invadiu a madrugada. Nos três anos seguintes ocorreu a reedição da Caravana Cultural, com visitas de outros artistas e produtos ao Samba de Dona Dete

Dois aspectos deste encontro cultural se destacam pela sua relevância quando pensamos num processo de fortalecimento da identidade territorial local: o protagonismo da cultura popular e a experimentação do espaço e tempo próprio da comunidade local.

A troca artística que coloca em destaque um “*samba*” promovido por uma comunidade rural, no seu próprio espaço de convivência, dá ênfase as tradições performáticas comunitárias não-letradas e não eruditas, ampliando a participação de classes populares no processo de intercâmbio.

O encontro tirou o foco da carência da comunidade e coloca na potência, criando a oportunidade para que a comunidade se apresente com autonomia, fazendo valer seus fazeres culturais e suas sabedorias, suas memórias, identidades e singularidades que reafirmam as diversidades culturais nos territórios onde as comunidades populares e tradicionais vivem. O protagonismo ocorre porque as manifestações populares das comunidades se expressam por elas mesmas.

Outro aspecto importante deste encontro foi a realização deste intercâmbio artístico no espaço próprio da comunidade. O deslocamento de 70 artistas por uma precária estrada de terra batida da área rural de um município pobre, localizado a cerca de 500 km da capital, é oneroso sob vários pontos de vista: econômico para os gestores do projeto, de tempo e disposição física para artistas e produtores, de risco do desconforto gerado pelo convívio tão próximo e sem barreiras entre culturas supostamente tão diferentes. No entanto, há um valor próprio em realizar o encontro no espaço e tempos próprios da comunidade que não se reproduz quando levados a teatros ou espaços culturais da metrópole, ainda que estas alternativas também tenham importância estratégica.

O antropólogo José Jorge Carvalho chama a atenção para perdas fundamentais quando as manifestações da cultura popular são retiradas do seu contexto de realização e apresentadas numa condição de espetáculo:

(...) A espetacularização é um processo multidimensional. Para começar, implica um movimento de captura, apreensão e mesmo de confinamento.

⁸ Documentário sobre a Caravana Cultural no samba de Dona Dete, disponível em <http://youtu.be/IOMrLZAppjo>

⁹ Fotos ANEXO I deste artigo

¹⁰ Ritmos afro-brasileiros típicos do nordeste do país.

Trata-se de enquadrar, pela via da forma, um processo cultural que possui sua lógica própria, ara aos sujeitos que o produzem, mas que agora terá seu sentido geral redirigido para fins de entreter um sujeito consumidor dissociado do processo criador daquela tradição.
(...)

(Carvalho in MINISTÉRIO DA CULTURA, 2007:86).

Os limites de tempo quando uma manifestação popular é apresentada numa situação de espetáculo interferem na estética e significados dos rituais:

“Dentro da lógica do entretenimento, negocia-se quase tudo com os mestres da cultura popular: o tamanho do grupo que irá se apresentar (número total e tipos de brincantes); que partes da manifestação serão excluídas (o que afeta diretamente o sentido do evento); e acima de tudo, o tempo de duração do espetáculo.

Por exemplo, um determinado espetáculo popular pode incluir como parte constitutiva do drama desenvolvido uma dimensão mística, meditativa ou contemplativa; ou, no sentido inverso, outra dimensão mais próxima do erótico ou do grotesco. Todavia, um contratante pode adotar uma lógica purista ou superficial de espetáculo e decidir domesticar os significados mais desafiadores da obra, excluindo aspectos considerados incômodos ou inconvenientes para o grupo interessado em consumi-la. Em outros casos, pode ser tentado a manipular os mitos fundantes da obra popular, de forma que seus aspectos mais sublimes, devocionais e transcendentais, que provavelmente exigiriam um esforço maior por parte do consumidor para alcançá-los, sejam retirados, deixando em seu lugar os aspectos considerados mais fáceis de assimilação”.

(Carvalho, 2007, p. 87).

Um aspecto importante da visita ao Terreiro de Dona Dete é a informalidade e inexistência de estruturas e programação prévia, com grande liberdade e experimentação, sobretudo em relação ao tempo e sequência em que cada momento era vivenciado. Para melhor compreendermos as identidades de populações tradicionais, a exemplo da família de Dona Dete, precisamos conhecer as suas experiências culturais, seus modos de vida, suas territorialidades, seus saberes e fazeres vividos cotidianamente nos espaços onde eles são espontaneamente vividos.

A cultura local vista, representada e pensada pela própria comunidade pode contribuir para criar novos imaginários sobre a diversidade cultural local, favorecendo a formulação de projetos futuros mais inclusivos e democráticos. A (re) construção imaginária da identidade envolve uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. Os atores sociais recorrem a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo social. Manifestações artísticas, intercâmbios culturais e encontros de caráter lúdico possuem saberes, conhecimentos, interpretações de mundo, valores, desejos, memórias que são tanto autodefinições dos grupos sociais que os produzem, quanto práticas socioeducativas capazes de elaborar horizontes futuros para estes grupos, revelando como pretendem se desenvolver, se relacionar com outros grupos sociais, viver.

Considerações Finais

Um dos méritos mais mencionados pelos participantes locais da experiência é o fato do ME CONTA ter desenvolvido uma espécie de “*ação por desvendamento*” ao provocar nos moradores de cada município outro olhar sobre a região, a partir do registro criativo das belezas, das histórias, de estéticas locais, dos talentos e das narrativas de sucesso relacionados a cada território e suas comunidades, compartilhados através das Enciclopédias, exposições multimídia e atividades educativas do Museu.

As práticas de “*narração de si*” vivenciadas pela comunidade local contribuem para que a comunidade local confira um valor ao território, constituindo um elemento de diferenciação, em torno dos quais se possam construir a estratégia de desenvolvimento.

O caráter opressor da dominação está justamente em negar o valor da cultura e do pensamento para grupos minoritários, atribuindo ao oprimido carência de identidade própria, incapacidade de alcançar níveis elevados e críticos de pensamento, impedindo, dessa forma, o seu desenvolvimento (Langon, 2005).

Libertar-se é gerar as condições para que um grupo possa viver sua própria vida plenamente, removendo o que constrange esta vida. Todo o grupo humano é sujeito de sua cultura. (Langon, 2005). A interação é elemento central em processos de construção de identidades e de projeto de futuro de grupos sociais que se pretenda inclusivo, dialogado e democrático.

A cultura é o processo de significação da existência de um grupo em que todo pensamento surge de um determinado contexto geo-cultural. Reconhecer como condição de liberação “o existir” de um povo – reconhecer sua cultura como sua vida – exige reconhecer a diversidade cultural como um direito. O lugar não está concebido como posse e usurpação, senão como terreno imprescindível para o desenvolvimento de cada cultura. (Langon, 2005)

O desenvolvimento na perspectiva local implica em sujeitos culturais sempre em construção, definidos e redefinido em suas decisões práticas. Suas decisões dão sentido à existência e orientam as ações em termos éticos, não apenas técnico ou estratégico. É necessário, portanto, estimular uma constante participação criadora na vida da localidade, para que as histórias das próprias pessoas possam convergir de forma permanente, construindo horizontes que dão sentido a suas crenças e a suas aspirações. A presença de uma forte identidade local, mas, com abertura a encontros e trocas, pode significar adaptar as inovações externas às especificidades do contexto local.

O sentido de pertencimento fortalecido pelas práticas do ME CONTA vem favorecendo que os atores locais cultivem relações colaborativas no interior do âmbito local. Os sentimentos identitários vêm contribuindo para se reforçar uma relação afetiva aos valores paisagísticos e culturais do território, que por sua vez, favorece a adoção de comportamentos individuais e coletivos voltados à proteção e à valorização destes valores. As expressões da especificidade cultural do lugar passaram a ser mais reconhecida, estimulando a exigência de se imaginar formas de desenvolvimento econômico e produtivo que estejam em condições de preservar a cultura local e os valores da qual é portadora, adaptando-se às especificidades e às propensões do lugar.

Na perspectiva do pós-desenvolvimento, é importante tornar visíveis às múltiplas lógicas locais de produção de culturas e identidades, práticas ecológicas e econômicas que emergem sem cessar das comunidades, refletindo em que medida estas práticas oferecem alternativas ao capitalismo e às modernidades eurocentradas.

Uma vez visíveis, no entanto, quais seriam as condições que permitiriam práticas baseadas-no-lugar para criar estruturas alternativas que lhes oferecessem uma oportunidade de sobreviver, de crescer e de florescer?

As iniciativas de desenvolvimento local que vem se desenvolvido no Brasil e na América Latina, a exemplo do ME CONTA, sinalizam para caminhos que colocam a população local e o ambiente cultural no centro. Esta é uma grande oportunidade para que o campo de pesquisa

latinoamericano possa ser fortalecido e amplie sua capacidade de acompanhar a diversidade dessas micro-experiências descentralizadas, contribuindo para a compreensão dessas iniciativas para além das questões e dos resultados imediatos almejados por estes projetos. Ampliar, através do conhecimento contextualizado e partilhado, o potencial dessas iniciativas de promover transformações, sem cair na armadilha da normatização e modalização de processos, que são naturalmente dinâmicos, mutantes e plurais.

BIBLIOGRAFIA:

- Carvalho, J.J. (2007). *I Encontro Sul-Americano de Culturas Populares e II Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília, DF: Ministério da Cultura.
- Castro-Gómez, S. & Grosfoguel, R. (2007). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana Instituto Pensar.
- Escobar, A (2007). *La invención del tercer mundo – construcción y desconstrucción Del desarrollo*. Caracas, Venezuela: Fundación Editorial el Perro y la Rana.
- Hasbaert, R. (2011) *O espaço importa: dilemas da construção identitário-territorial na contemporaneidade*. In: Bastos, L. & Lopes, L. P. M. (org) *estudos de identidade – entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamound.
- Haesbaert, R (1999). *Identidades Territoriais*. In: Rodendhal, Z. & Correa, R. L. (2004). *Manifestações Culturais no Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Langón, M.(2005) *Geocultura*. In: SALAS ASTRAIN, R. *Pensamento Crítico Latinoamericano: Conceitos Fundamentais*. Santiago de Chile: U. Católica Silva Henríquez.
- LEFF, E.(2009) *Ecologia, Capital e Cultura – a territorialização da racionalidade ambiental*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MINISTÉRIO DA CULTURA (2007) *I Encontro Sul-Americano de Culturas Populares e II Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília, DF: Ministério da Cultura.
- Pollice, F. (2010). *O Papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local*. Espaço e Cultura, n. 27, p 7-23. Rio de Janeiro, UERJ, 2010.
- Quijano, A. (2005) *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (comp.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais*. Buenos Aires: CLACSO. (versão digital)
- Rubim, A A.C & Rohde, Bruno F. *Políticas Culturais na Bahia – Governo Jaques Wagner – 2007*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Saquet, M. A. (2011). *Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões.
- Saquet, M. A. (2010) *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.
- Santos, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- Santos, B. de S. & Meneses, M. P.. (2010.) *Epistemologias do Sul*. São. Paulo; Editora Cortez.
- Sem, A. (2002). *Desenvolvimento como liberdade*. Rio de Janeiro: Cia. Das Letras.